

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CARLOS ANTÔNIO VASQUES FILHO

**CARACTERÍSTICAS DE ATAQUES BEM-SUCEDIDOS DAS EQUIPES
FINALISTAS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2014**

Florianópolis,

2017

Carlos Antônio Vasques Filho

**CARACTERÍSTICAS DE ATAQUES BEM-SUCEDIDOS DAS EQUIPES
FINALISTAS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2014**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física – Bacharelado do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Michel Milistetd

Coorientador: Prof. Carlos Ewerton Fernandes Palheta

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra.

Vasques Filho, Carlos Antônio
Características de ataques bem-sucedidos das
equipes finalistas da Copa do Mundo de futebol de
2014 / Carlos Antônio Vasques Filho ; orientador,
Michel Milistetd, coorientador, Carlos Ewerton
Fernandes Palheta, 2017.
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis,
2017.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Futebol. 3. Sequência
ofensiva. 4. Finalização. 5. Análise de jogo. I.
Milistetd, Michel. II. Fernandes Palheta, Carlos
Ewerton. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Educação Física. IV. Título.

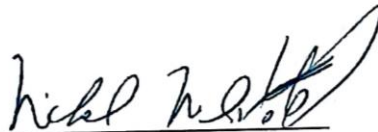
Carlos Antônio Vasques Filho

**CARACTERÍSTICAS DE ATAQUES BEM-SUCEDIDOS DAS EQUIPES
FINALISTAS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2014**

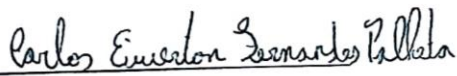
Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 9,5

Florianópolis, 28 de novembro de 2017.

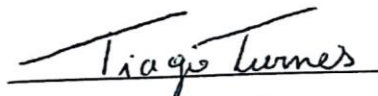
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Michel Milistetd
Orientador (CDS/UFSC)



Prof. Carlos Ewerton Fernandes Palheta
Coorientador (CDS/UFSC)



Prof. Dr. Tiago Turnes
Membro (CDS/UFSC)



Prof. Ms. Felipe Goedert Mendes
Membro (CDS/UFSC)

Este trabalho é dedicado a todos que me incentivam a alcançar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, por todo o amor, carinho, educação, paciência, companheirismo, por serem sempre meus maiores amigos desde sempre na vida. À eles me faltam palavras para expressar o quanto sou grato e me sinto privilegiado de ter pais como os meus. Agradeço também às minhas irmãs Bárbara e Poliana, por se fazerem presentes e serem irmãs quando se foi necessário, eu sei que posso contar com vocês, e vocês comigo. E às minhas sobrinhas Yasmim e Angelina, por serem a renovação da vida e a manutenção da bagunça na nossa casa.

Agradeço a minha namorada Maria Eduarda, por me acompanhar e me incentivar em tudo. Por todas as palavras de incentivo e de otimismo. Obrigado pela paciência e amor, meu amor!

Agradeço também aos meus tios e tias de Floripa e de Porto Alegre, os Costas e os Vasques, obrigado por torcerem tanto por mim, eu sempre me senti muito acolhido por todos, como também agradeço aos meus primos, que da mesma forma foram muito presentes na minha infância e adolescência, e espero que seja sempre assim.

Um agradecimento aos meus amigos do bairro João Paulo, amigos de infância, por entenderem minha ausência e me trazerem palavras de apoio. Espero que seja com vocês que eu esteja em todas as etapas da minha vida, até ficarmos bem velhos, mas sempre com muita amizade. Obrigado meus amigos do coração!

Agradeço aos meus inspiradores e maiores incentivadores do meu ingresso na Educação Física, meu tio Tuca (*In memorian*) e meu compadre Alex, colegas de profissão. Aos meus professores/técnicos de futebol que também serviram de espelho para minha vocação.

Durante uma jornada pela graduação que demorou mais do que devia, fiz muitas amizades e também sou grato a cada um que cruzou meu caminho e deixou um pouco de si e levou um pouco de mim. Aos colegas da primeira fase: Eu consegui, hein!

Aos professores do CDS, pessoal da coordenação, todo o meu respeito e agradecimento, vocês fazem toda a diferença. Ao Professor Michel Milistetd e Carlos Palheta pela orientação e por ajudar a tornar possível este trabalho.

Por último, mas não menos importante, ao maior time universitário de fut7 que Florianópolis já viu! Não só pelos títulos (muitos), mas por toda a amizade que construímos em torno do time que nos levou pra frente tanto na vida acadêmica como na esportiva(HEXA!)

À todos que se enquadram em alguma parte que citei anteriormente, meu muito obrigado! Vocês fazem eu me sentir muito especial e feliz

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo a descrever as ações e comportamentos que caracterizam os ataques bem-sucedidos no futebol de elite e a comparação entre duas seleções nacionais. Para tal, foi feita uma pesquisa observacional do tipo análise notacional, e foram usadas como amostra as sequências ofensivas com finalização desempenhadas pelos jogadores das seleções finalistas da Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Os dados foram coletados a partir de um modelo adaptado de caracterização sequencial (Almeida, 2010), observados através de vídeos de todas as partidas das seleções durante a competição. Foi feita a análise descritiva dos resultados por meio de frequência e porcentagem, utilizando o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 21). Logo, verificou-se que os ataques bem-sucedidos da seleção da Alemanha tiveram maiores prevalências em: inícios de forma direta (59,7%); início pela região do setor defensivo (58,7%), envolvimento de 3 a 5 jogadores (47,9%); pelo menos 6 passes executados (35,6%); ação de assistência para a finalização (68,5%); assistência pela zona 12 (41,9%); finalização pela zona 11 (70,1%); ação do finalizador com apenas 1 contato na bola (68,5%); com o resultado dos ataques analisados obtendo sucesso total em 23,4% dos casos. Analisando os resultados referentes a seleção da Argentina, foram aferidas as maiores prevalências em: inícios de forma direta (51,2%); início pela região do setor ofensivo (66,7%); envolvimento de até 2 jogadores (37,8%); de 0 a 2 passes executados (48,6%); ação de assistência para a finalização (58,1%); assistência pela zona 8 (25,7%); finalização pela zona 11 (54,9%); ação do finalizador com apenas 1 contato na bola (51,4%); com o resultado dos ataques analisados obtendo o sucesso total em 8,5% dos casos. A dados sugerem que as características de ataques encontradas são dependentes das particularidades, virtudes e demandas próprias de cada equipe durante o jogo ou competição em questão para alcançar o sucesso. Espera-se que a ciência de informações como as apresentadas venham a disponibilizar um aporte fundamental para decisões táticas de uma equipe bem como em fases de preparação e treinamento, condições estas, determinantes para a evolução das equipes e atletas de futebol.

Palavras chave: Futebol. Sequência Ofensiva. Finalização. Análise de jogo.

ABSTRACT

The present study aimed to describe the actions and behaviors that characterize the successful attacks in elite soccer and the comparison between two national teams. For this, an observational research was carried out of the type of notational analysis, and the offensive sequences with finalization played by the players of the Germany and Argentina teams, who were finalists of the 2014 World Cup in Brazil, were used as a sample. The data were collected from an adapted sequential characterization model (Almeida, 2010), observed through videos of all the matches of the two teams during the competition. Data were tabulated and then a descriptive analysis of the results by frequency and percentage using the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 21) software. With this, it was verified that the successful attacks of the Germany team had greater prevalences in: beginnings of direct form (59,7%); beginning by the region of the defensive sector (58.7%), involvement of 3 to 5 players (47.9%); at least 6 passes performed (35.6%); assistance action for completion (68.5%); assistance by zone 12 (41.9%); completion by zone 11 (70.1%); Finisher action with only 1 ball contact (68.5%); with the result of the attacks being analyzed, achieving total success in 23.4% of the cases. Analyzing the results referring to the Argentina team, the highest prevalences were measured in: beginnings of direct form (51.2%); beginning by the region of the offensive sector (66.7%); Involvement of up to 2 players (37.8%); 0 to 2 passes performed (48.6%); assistance for completion (58.1%); assistance for zone 8 (25.7%); completion by zone 11 (54.9%); Finisher action with only 1 contact in the ball (51.4%); with the result of the analyzed attacks obtaining total success in 8.5% of the cases. The discussion suggests that the characteristics found related to each team are dependent on the particularities, virtues and demands of each team during the game or competition in question to achieve success. It is hoped that the information science such as those presented will provide a fundamental contribution to the tactical decisions of a team as well as in the preparation and training phases, conditions that determine the evolution of football teams and athletes.

Keywords: Soccer. Offensive Sequence. Goal Shot. Match Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráficos percentuais de jogadas com forma de início direto e indireto.....	26
Figura 2 - Gráficos percentuais de setor de início do ataque.....	27
Figura 3 - Gráficos percentuais de número de jogadores envolvidos.....	28
Figura 4 - Gráficos percentuais de número de passes executados.....	29
Figura 5 - Gráficos percentuais de ataques com ação de Assistência para finalização	29
Figura 6 - Gráfico percentual de ação de assistência divididas por zonas.....	30
Figura 7 - Gráficos percentuais de ações de assistência por zona, executadas pela seleção da Alemanha.....	31
Figura 8 - Gráficos percentuais de ações de assistência por zona, executadas pela seleção da Argentina	31
Figura 9 - Gráficos percentuais de finalizações por zonas	32
Figura 10 - Gráficos percentuais de característica da finalização	32
Figura 11 - Gráficos percentuais da incidência de gol	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Indicadores do sistema de caracterização da sequência ofensiva.	24
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA.....	11
1.2	JUSTIFICATIVA.....	12
1.3	OBJETIVO.....	13
1.3.1	Objetivo Geral	13
1.3.2	Objetivos Específicos.....	13
2	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1	FUTEBOL: COMPLEXIDADE E ALEATORIEDADE DE AÇÕES.....	14
2.2	COMPORTAMENTO TÁTICO NO FUTEBOL.....	15
2.3	PRINCÍPIOS TÁTICOS DO ATAQUE NO FUTEBOL	17
2.4	ANÁLISE DE CARACTERÍSTICAS OFENSIVAS	19
3	METODOLOGIA	23
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	23
3.2	CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA	23
3.3	INSTRUMENTO	23
3.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA	25
3.5	ANÁLISE DE DADOS.....	25
4	RESULTADOS.....	26
5	DISCUSSÃO.....	34
6	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A – CAMPOGRAMA DAS ZONAS DO CAMPO DE JOGO.....	43
	APÊNDICE B – FICHA DE OBSERVAÇÃO DE JOGO.....	44

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Analisando o jogo de futebol quanto à sua natureza e conceitos, podemos constatar que é um esporte coletivo, jogado entre duas equipes que praticam suas ações de oposição e cooperação em um mesmo espaço de jogo. Neste espaço, atuam os companheiros de equipes e os adversários que, sob regras próprias da modalidade, atacam e defendem um alvo específico. O futebol é considerado um esporte de alta complexidade, e também é um dos mais imprevisíveis e aleatórios dentre os jogos coletivos (COSTA; GARGANTA, 2002).

Dentro dessa aleatoriedade da modalidade, a demanda pelo aperfeiçoamento do jogo em busca do sucesso competitivo é contínua e por conseguinte eleva o nível de desempenho (BARREIRA; GARGANTA, 2007). Neste sentido, algumas questões que norteiam a organização das equipes prevalecem: Como fazer para minha equipe marcar mais gols que a equipe adversária? Como desenvolver uma equipe imbatível? Como ter um ataque implacável?

É comum afirmar que o rendimento competitivo se define em diversas dimensões, devido a variados fatores a serem considerados para uma equipe ser identificada como de elite. Comumente argumenta-se que o fator mais relevante a um desempenho de elite é o alto grau de desenvolvimento e especialização de fatores agrupados em quatro dimensões: físico, técnico, tático e psicológico (GARGANTA, 1997).

Tratando-se de um esporte de elevado grau de interações, cuja a ordem cronológica e frequência raramente podem ser determinados previamente, o aspecto estratégico-tático ocupa um papel de relevância determinante (GRÉHAIGNE, 1989; GARGANTA, 1997; MOMBAERTS, 2000). Logo, o aperfeiçoamento tático do jogo de futebol torna-se um parâmetro a ser considerado nos processos de preparação e treinamento das equipes, no sentido em que estende-se a possibilidade de caracterizar e mensurar ações de imprevisibilidade e aleatoriedade, que se tornam expressivas na dinâmica das partidas, devido à sua eventualidade sequente ou por induzir importantes desequilíbrios ofensivos e defensivos (CASTELO, 1994; GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999).

Através do Modelo de organização do jogo de Futebol, pode-se entender o jogo por meio de duas fases: A Ofensiva e a Defensiva (BARREIRA; GARGANTA, 2007). Considerando que o jogo é objetivado pela busca do gol (CASTELO, 1996), Teodorescu (1984); Mesquita et al. (2009) consideram a ação ofensiva como a fase fundamental do jogo de

futebol, pois é nesta fase que as equipes concretizam os gols a partir das situações de finalização. Entretanto, menos de 20% dos ataques resultam em finalização (BARREIRA; GARGANTA, 2007), e apenas cerca de 1% dos ataques tendem a resultar em gol (DUFOUR, 1993; TENGA; RONGLAN; BAHR, 2010).

Durante a fase ofensiva acontecem as ações para a construção do ataque, em que segundo Costa (2009), podemos relacionar como princípios táticos de conduta necessários para esta fase do jogo: (i) conservar a bola, (ii) construir ações ofensivas, (iii) progredir pelo campo de jogo adversário, (iv) criar situações de finalização e (v) finalizar à meta adversária.

Logo, podemos idealizar a variabilidade de estratégias adotadas para a obtenção de sucesso nas ações do jogo, tornando os estudos acerca de análise de jogo de grande relevância para a evolução da modalidade (GARGANTA; PINTO, 1998). Tal colocação é confirmada pela crescente busca de especialistas e pesquisadores da área pelos dados obtidos dos eventos que ocorrem no jogo, na intenção de aprimorarem o desempenho de seus jogadores e equipes com base nos estudos (GARGANTA, 2001; LEITÃO, 2004; KUHN, 2005).

O anseio de treinadores em busca de informações de caracterização de aspectos do jogo nos aproxima do problema da presente pesquisa, na qual buscamos saber se poderemos refletir um padrão de características que induzem a um ataque de sucesso.

Para tal, foi feita a decisão de analisar todos os ataques (também denominados como *sequência ofensiva*) que incluíssem a ação de finalizar à meta adversária, caracterizando a finalização como o sucesso parcial do ataque, e o gol como o sucesso total.

Na busca de colher informações que viessem de uma fonte com referência e credibilidade que sustentassem o que é futebol de elite, foi feita a decisão de observar a trajetória das duas seleções finalistas da última edição da Copa do Mundo de Futebol, para então verificar o que as equipes do topo estão produzindo durante os ataques para terem sucesso durante as competições.

1.2 JUSTIFICATIVA

A fundamentação deste estudo provém da capacidade de reunir dados que contribuam como base teórica para o estudo de comportamentos e ações ofensivas no futebol. Considerando que somente se faz sentido a preparação dos jogadores e das equipes de futebol a partir do momento que temos algo que ligue o jogo a um território de possibilidades previsíveis, torna-se pertinente a realização de análises de jogos com o objetivo de caracterizar os ataques realizados e coletar informações que possam contribuir no planejamento de equipes, seja para

aprimorar seus próprios atributos, aplicar o conhecimento em competição ou preparações, seja para estudar um possível adversário a ser enfrentado.

A análise de jogos que foram realizados na Copa do Mundo de Futebol – 2014 possibilita a observação das melhores seleções nacionais do mundo, que passaram por fases eliminatórias continentais, fase de grupos, até chegarem as finais da competição. Pressupondo que somente os melhores conseguem chegar adiante numa competição desta magnitude, podemos coletar informações que nos apresente o que os melhores fazem e/ou estão fazendo para estarem no topo. Informações de grande valor para aplicações práticas em equipes que buscam aprimoramento das ações ofensivas.

A motivação pessoal do estudo advém da vivência do pesquisador como ex-atleta da modalidade e em atuação como treinador de jovens praticantes. Busca-se então, entender melhor o jogo e suas características de ataque, ganhar experiência com estudos de análise de jogo para adquirir uma nova visão da modalidade, que somente através da busca pelo conhecimento é possível atingir.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

- Caracterizar os ataques bem sucedidos das equipes finalistas da Copa do Mundo FIFA 2014.

1.3.2 Específicos

- Descrever a fase inicial, o desenvolvimento e a fase de conclusão dos ataques com finalização das equipes finalistas da Copa do Mundo FIFA 2014;
- Comparar as características de ataques das seleções finalistas da Copa do Mundo FIFA 2014.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FUTEBOL: COMPLEXIDADE E ALEATORIEDADE DE AÇÕES

O futebol é uma modalidade muito peculiar e atrativa a nível de entretenimento, muito disso por conter um caráter de imprevisibilidade e aleatoriedade que sustenta momentos de ordem e desordem no jogo, dadas essas características, acarreta-se uma infinidade de comportamentos e ações tendo em vista a obtenção do gol (GARGANTA; CUNHA E SILVA, 2000). Costa e Garganta (2002) apontam o futebol como um dos jogos mais imprevisíveis e aleatórios dentre as modalidades coletivas, e ainda citam a alta complexidade em que se desenvolve o jogo. A complexidade é uma propriedade do sujeito na interpretação dos fenômenos, que se deve a quatro aspectos: i) a composição do sistema, ao número e as características dos seus elementos e sobretudo das suas interações; ii) a incerteza e aos acasos próprios do meio envolvente; iii) a imprevisibilidade de comportamentos; iv) As relações incertas entre determinismo e acaso aparente, entre ordem e desordem (VALLÉE, 1990; GARGANTA, 1997).

Garganta (1997) alerta sobre a necessidade de entender o jogo de futebol na sua complexidade, no conflito das equipes adversárias, diante da disputa pelo mesmo objetivo. Segundo Gréhaigne (1989), para entendermos o jogo de futebol, necessitamos da utilização de modelos capazes de explicá-lo. Trata-se de representar o teor e a dinâmica do jogo a partir da integração das dimensões e variáveis percebidas como fundamentais da modalidade. Para Le Moigne (1990), se pretendemos entender um sistema complexo, devemos modelá-lo. Assim, torna-se necessário recorrer a modelos que integrem noções dos problemas de ordem, desordem, interação e organização para ser possível compreender e explicar a complexidade de um jogo coletivo como o futebol (GARGANTA, 1997)

No contexto do jogo consistem três grandes categorias de problemas: i) problemas no plano espacial e temporal: que na fase ofensiva consiste em problemas de manipulação da bola de maneira individual e coletiva, na tentativa de ultrapassar adversários, e na fase defensiva em problemas na produção de obstáculo com a finalidade de dificultar ou parar o movimento da bola e dos jogadores adversários, no intuito de conseguir a posse da bola (GRÉHAINE; GUÍLLON, 1992). ii) Problemas no plano informacional, sendo os problemas ligados a produção de incertezas para os adversários e de certeza para os companheiros. iii) problemas no plano organizacional que são relacionados com a integração do projeto coletivo da ação individual e vice-versa (LEITÃO, 2004).

Em busca do controle destes problemas, as equipes em confronto trabalham como coletivos, organizados de acordo com uma lógica particular (GARGANTA, 1997) estando em constante adaptação ao meio, na qual as ações individuais, mesmo que aparentemente isoladas, influem no comportamento coletivo que consiste numa rede de interações complexas, de cooperação e oposição, integrando distintos níveis de organização (GRÉHAIGNE, 1989).

Essa interação coletiva permanente passa também pela busca da construção do equilíbrio (defensivo e ofensivo) de uma forma rápida e eficiente. Na relação entre as equipes o jogo se caracteriza pela competição entre os sistemas que fazem a transição ataque-defesa e defesa-ataque, a fim de quem vai ao ataque busca desequilibrar a organização defensiva do adversário, na tentativa de encaixar uma sequência ofensiva bem-sucedida (LEITÃO, 2004).

É dentro desta dinâmica que “um sistema caótico pode ser isoladamente imprevisível mas globalmente estável se o seu estilo particular de irregularidade persistir face a pequenas perturbações” (GARGANTA & CUNHA E SILVA, 2000). O que faz o jogo é o entendimento de que a razão das causas se apresentará como uma casualidade, ou seja, deve-se aproveitar o momento; e o que pode preparar a equipe e os jogadores a aproveitarem o momento são os princípios e comportamentos táticos aplicados (LEITÃO, 2004).

2.2 COMPORTAMENTO TÁTICO NO FUTEBOL

As ações dos jogadores da mesma equipe tendem a ser convergentes na medida que as ações individuais são direcionadas a cumprir objetivos do coletivo. Então a cada situação oferecida no jogo, o jogador estabelecerá uma hierarquia de relações de exclusão e de preferência de ações, com aplicabilidade no comportamento sistemático da equipe (GARGANTA, 2005). De acordo com tal concepção, presume-se que os jogadores ocupem de forma lógica e racional o campo de jogo, em resposta às demandas instantâneas da partida (GARGANTA; PINTO, 1994). Essa construção teórica a propósito da lógica do jogo, é estabelecida pelos princípios táticos. Solicita-se, portanto, a conscientização dos jogadores sobre os mesmos, para simplificar a transmissão e a operacionalização dos conceitos, ajudando na seleção e na execução da ação necessária à situação (LEITÃO, 2004).

Na literatura especializada em futebol tem-se utilizado diferentes nomenclaturas para mencionar e caracterizar os princípios táticos, entre os autores (BAYER, 1994; CASTELO, 1994; GARGANTA; PINTO, 1994; DUPRAT, 2007), existe uma concordância em volta de três conceitos teóricos que relacionam a organização tática dos jogadores no campo de jogo, sendo identificados como: princípios gerais, operacionais e fundamentais.

Os *princípios gerais* são conhecidos assim por serem comuns as diferentes fases do jogo e aos outros princípios (operacionais e fundamentais), pautando-se em três conceitos advindos das relações numéricas nas zonas de disputa pela bola entre os companheiros e os adversários, sendo: não permitir a inferioridade numérica; evitar a igualdade numérica; procurar criar a superioridade numérica (GARGANTA; PINTO, 1994; COSTA *et al.*, 2009).

Os *princípios operacionais* são as ações que devem ser realizadas para lidar com uma ou diversas situações do jogo (BAYER, 1994). Portanto, eles se relacionam a conceitos atitudinais para as fases do jogo, sendo no ataque os princípios provém de: conservar a bola; construir ações ofensivas; progredir pelo campo de jogo adversário; criar situações de finalização; finalizar à baliza adversária (COSTA *et al.*, 2009).

Já os *princípios fundamentais* representam um conjunto de orientações bases para com as ações dos jogadores e da equipe com o objetivo de criar desequilíbrios na organização da equipe adversária, estabilizar a organização da própria equipe e propiciar aos jogadores uma intervenção ajustada no “centro de jogo” (COSTA *et al.*, 2009). Na literatura observam-se propostas com quatro princípios para cada fase de jogo condizentes com os seus objetivos, sendo na defesa os princípios: (i) da contenção, (ii) da cobertura defensiva, (iii) do equilíbrio e (iv) da concentração; e no ataque os princípios: (i) da penetração, (ii) da mobilidade, (iii) da cobertura ofensiva e do (iv) espaço (GARGANTA; PINTO, 1994; CASTELO, 1999). A aplicação desses princípios se manifesta em situações em que o jogador percebe que sua equipe dispõe de organização de base que possibilite a ocorrência de compensações ou apoios às ações no “centro de jogo”, garantindo efetividade e organização (CASTELO, 1996).

Centro do Jogo (CJ) - define-se segundo Barreira e Garganta (2007) como o contexto de cooperação ou de oposição entre os jogadores que participam ou estão em condições de participar no jogo na zona onde se encontra a bola num determinado instante. Assim, a configuração no Centro do Jogo não se limita a uma medida física, mas baseia-se na avaliação comportamental dos intervenientes no jogo. Existem também situações nas quais os jogadores distantes do “centro de jogo” oferecem condições para que os seus companheiros diretamente envolvidos nas ações próximas da bola possam pressionar, tanto ofensiva quanto defensivamente, a equipe adversária. Castelo (1994), ressalta que para isso é necessário que cada jogador tenha além da ciência das suas funções específicas de base, também conheça as funções dos seus companheiros, para que assim tenha condições de dar suporte em qualquer fase e situação do jogo, seja apoiando ou assumindo o papel de seu companheiro de modo efetivo (TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006). O cumprimento de tais princípios durante

a fase ofensiva é o que permite a equipe criar condições favoráveis em termos de espaço e tempo para a realização de tarefas operacionais de ataque (CASTELO, 1994).

2.3 PRINCÍPIOS TÁTICOS DO ATAQUE NO FUTEBOL

Enquanto os princípios gerais e operacionais podem estar presentes em diversas modalidades esportivas coletivas de invasão, os princípios táticos fundamentais são específicos da modalidade (COSTA et al., 2009), que na fase ofensiva do jogo de futebol contribuem para que os jogadores, tanto os mais distantes como os mais envolvidos diretamente no “centro de jogo”, orientem suas atitudes e seus comportamentos tático-técnicos em prol dos objetivos ofensivos da equipe, buscando instabilizar a organização defensiva do adversário para que possam operar as ações que levarão ao caminho do gol (CASTELO, 1996). A caracterização destes princípios foi realizada pelos autores Garganta e Pinto (1994); Castelo (1999); Costa et al (2009), e fica evidente a relação de dependência dos princípios gerais e operacionais aos princípios táticos fundamentais, que na fase ofensiva destacam-se em cinco conceitos base:

Penetração - O princípio da penetração se caracteriza pela progressão no campo conduzida pelo portador da bola em direção à meta adversária ou à linha de fundo adversária, em busca de áreas do campo que oferecem maior risco e são suscetíveis à continuidade do ataque, buscando a finalização e possivelmente o gol, como por exemplo: os dribles e conduções de bola que diminuem o espaço entre o portador da bola e a linha de fundo adversária, propiciando cruzamento, deslocamentos em direção à área penal adversária, ganho de espaço em direção à baliza; drible ao adversário que permite ao portador da bola executar um passe/assistência para um companheiro dar sequência ao jogo ou finalizar à baliza; ou ainda, em situação de “cara-cara” quando o atacante avança com bola diretamente à baliza adversária (CASTELO, 1999; COSTA et al., 2009).

Cobertura Ofensiva - O princípio da cobertura ofensiva está relacionado com as ações dos companheiros de equipe que se aproximam do portador da bola diminuindo a pressão dos adversários sobre o mesmo, de forma que ele tenha opções ofensivas de sequência ao jogo, através do passe ou por uma ação de *penetração* na defesa adversária. Podemos perceber no jogo quando os companheiros do portador da bola se posicionam ao “centro de jogo” para receber a bola e a dar continuidade à jogada, realizando, por exemplo, tabelas e/ou triangulações com o portador da bola, como também se posicionam mais afastados do portador da bola, quando a pressão da equipe adversária está alta no “centro de jogo” (CASTELO, 1994).

Mobilidade - O princípio da mobilidade está relacionado à iniciativa dos jogadores de ataque, sem a posse da bola, em buscar posições ótimas para receber a bola, ou uma assistência para finalização. Essas movimentações também favorecem o aparecimento de novos espaços e condições ao portador da bola, e para que outros jogadores da equipe se movimentem no espaço de jogo efetivo que tendem a se apresentar na situação. Para tal, é necessário que todos os jogadores consigam compreender os deslocamentos dos seus companheiros em função do posicionamento escolhido pelo portador da bola, ou seja, não se limita em movimentar-se pura e simplesmente, mas sim a movimentação com significado e organização tática, que pode ser percebido quando o atleta consegue receber a bola em uma situação mais vantajosa ao ataque e a sua movimentação obriga o defensor a acompanhá-lo, deslocando-o do seu posicionamento de cobertura defensiva, causando desequilíbrio, e proporcionando o ataque se prevalecer das alternativas de espaços criadas (COSTA et al., 2009).

Espaço – Se refere a amplitude da equipe a partir do comportamento dos jogadores sem a posse de bola de se posicionarem mais afastados do portador da bola, criando dificuldades defensivas para o adversário. As ações desse princípio iniciam-se após a recuperação da posse da bola, quando todos os jogadores da equipe buscam a ampliação do espaço de jogo ofensivo, orientados em função da localização da bola. O domínio das ações características desse princípio é fundamental para o sucesso no jogo, uma vez que o espaço determina o tempo para realização da ação e da tomada de decisão. Assim, quanto mais espaço a equipe tiver para atacar, mais bem elaboradas poderão ser as suas respostas às demandas da situação (CASTELO, 1996).

Unidade Ofensiva - Para se buscar a coesão, a efetividade e o equilíbrio funcional da equipe em ações ofensivas, os jogadores devem também possuir elevado entendimento tático com o objetivo de não desestruturar a solidez do conjunto (SILVA; RIAS, 1998). As ações características desse princípio podem ser verificadas a partir do posicionamento dos jogadores mais recuados no campo de jogo, que favorecerem a manutenção da posse de bola, além também de dar segurança aos companheiros situados no “centro de jogo”, permitindo a criação de contínua instabilidade na organização defensiva adversária (CASTELO, 1996).

Fica evidenciado então que os princípios operacionais são as ações que culminam os fatos, como por exemplo a ação decisiva de finalizar ao gol. Já os princípios fundamentais (*penetração, cobertura ofensiva, mobilidade, espaço e unidade ofensiva*) assumem o papel de possibilitar a execução de tais procedimentos operacionais, criando condições favoráveis para a equipe conservar a bola, construir ações ofensivas, progredir pelo campo de jogo adversário, criar situações de finalização e finalizar à meta adversária (COSTA et al., 2009).

As características que diferem a aplicação dos princípios táticos de cada equipe se refere muito aos padrões de jogo ofensivo aplicado em cada situação ou partida, que podemos definir em três perfis: i) Ataque posicional - quando a defesa adversária está equilibrada e a construção das etapas do ataque são mais demoradas e elaboradas, maior número de passes na largura do que na profundidade do campo; ii) Ataque rápido - a equipe adversária também encontra-se equilibrada defensivamente, mas o ataque apresenta em sua construção etapas mais rápidas e menos elaboradas, aumentando o ritmo de ações, com passes quase que exclusivamente na profundidade (para frente); iii) Contra-ataque - que se caracteriza por uma transição imediata defesa/ataque ao interromper o ataque adversário, buscando surpreender a equipe adversária desequilibrada, com um reduzido número de passes e rápida transição entre zonas do campo de jogo, num ritmo de jogo elevado (GARGANTA, 1997).

Todos esses princípios, métodos e padrões de jogo ofensivo e sua variabilidade com que são acionados podem ser observados em execução, dentro de suas características, pelos jogadores de equipes de elite para a construção das sequências ofensivas, buscando as melhores possibilidades de alcançarem a eficiência coletiva (LAS PENAS & ARGILAGA, 2003; LEITÃO, 2004; BARREIRA; GARGANTA, 2007; COSTA et al., 2009; MACHADO et al., 2013; CASTELÃO et al., 2015)

2.4 ANÁLISE DE CARACTERÍSTICAS OFENSIVAS

Estudos que analisam os ataques e as características de ações ofensivas das equipes também já foram diversas vezes realizados, e serviram de base para o presente estudo.

Las Penas & Argilaga (2003), realizaram uma pesquisa observacional sistematizada com uma equipe profissional do Campeonato Espanhol de futebol na temporada 2000/2001. Durante o trabalho, realizaram uma análise sequencial das ações ofensivas da equipe, com o objetivo de encontrar padrões de conduta de ataques através de variáveis como: Número de jogadores com a bola; forma de início do processo ofensivo; localização espacial no campo; forma de construção e desenvolvimento do processo ofensivo; tipo de passe; ritmo das ações dos jogadores com a bola; forma de finalização do processo ofensivo. Ao final, afirmaram ser capaz de identificar padrões de jogo no processo ofensivo da equipe observada, valorizando as diferentes micro-ações que compõe o comportamento coletivo do todo. Neste sentido, citam que cada equipe constitui um sistema organização social de interações ordenadas e estáveis.

Leitão (2004) se propôs a estudar a dimensão tática da partida de Futebol em equipes de alto rendimento através de análises quantitativas e qualitativas (conceituais, observacionais

e exploratórias). Foram 61 partidas de Futebol profissional observadas através de vídeo, analisando variáveis como: tempo de realização do ataque (em segundos); número de mudanças de setor em ações com bola; zonas privilegiadas de desarmes e interceptações; forma de recuperação da posse de bola; número de contatos com a bola por sequência ofensiva; número de jogadores que entram em contato com a bola em uma sequência ofensiva; passes; lançamentos; cruzamentos; finalizações. Dentre as considerações finais que referem-se ao sistema ofensivo e criação de ataques, Leitão (2004) aponta que: O meio-campo ofensivo de jogo demonstrou ser a região do campo onde a recuperação da posse de bola é mais vantajosa para se alcançar a meta adversária; dentro do meio-campo ofensivo, a recuperação da posse de bola na forma de desarmes mostrou-se mais eficiente para proporcionar sequências ofensivas resultantes em finalizações; a variabilidade de jogadas e a variação de zonas e faixas do campo de jogo na construção das sequências ofensivas mostrou-se um fator importante para o melhor desfecho da mesma; o curto tempo de realização dos ataques mostrou-se um fator associado a eficiência das jogadas. O autor conclui que ações do jogo são geradas pelas ocasiões que se apresentam, tornando-se necessário ou construir situações que proporcionem maiores chances de êxito, ou treinar as situações mais comuns para que sejam bem aproveitadas quando ocorrerem.

Barreira e Garganta (2007) realizaram um estudo que objetivava-se em modelar os padrões de conduta *Transição-Estado defesa/ataque (TEDA)* que induzem a maior probabilidade de situações de eficácia ofensiva. Realizaram, então, a codificação de 240 sequências de *TEDA* relativas a quatro equipes de alto rendimento do Campeonato Português 2004/05. Para a análise, foram consideradas as variáveis: Início da *TEDA*, desenvolvimento da *TEDA*; desenvolvimento da posse de bola da *TEDA*; final da *TEDA*. Os resultados encontrados apontaram que *Transição-Estado defesa/ataque (TEDA)* inicia-se regularmente de forma direta. O passe curto é muito utilizado para assistir a finalização, sendo entendido como *cruzamento* quando em zona lateral e *assistência* quando em zona central. A zona 11 se destaca como aquela em que são executadas mais finalizações direcionadas à meta adversária, enquanto a zona 8 é a mais associada com a realização de remates direcionados para fora, sendo que a maior quantidade de ações de remate a favor da equipe acontece por via de um jogo posicional. Só em 17% das 240 situações ocorreram finalizações, dos quais 5% se traduziram em remates enquadrados com a meta adversária, e apenas 0,7% terminaram com gol a favor. Os autores ainda apontaram os padrões de jogo ofensivo mais observados, e caracterizaram por um misto de jogo direto (ataque rápido/contra-ataque) em zonas defensivas, com um jogo indireto (ataque posicional) no setor médio ofensivo.

Machado, Barreira, Garganta (2013) foram autores de uma pesquisa que se propôs a caracterizar e comparar os padrões de jogo ofensivos realizados pelas equipes semifinalistas da Copa do Mundo FIFA 2010 - Espanha, Holanda, Alemanha e Uruguai, recolhendo 1938 sequências ofensivas de 28 jogos (sete por equipe). Através do instrumento de observação *SoccerEye*, constituíram os critérios: início da fase ofensiva; desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque; desenvolvimento da posse de bola; final da fase ofensiva; espacialização do terreno de jogo; centro do jogo; e configuração espacial de interação. Os resultados concluíram que nas seleções da Espanha e da Holanda predominam o estilo de ataque indireto, procurando manter a posse de bola até encontrar situações propícias ao remate, sendo que a Espanha revelou a tendência para marcar gols a partir de assistências e cruzamentos pelas zonas laterais ofensivas e a Holanda tende a atacar preferencialmente pelo corredor central, revelando eficácia na realização de assistências pelo mesmo. O Uruguai, por sua vez, evidenciou a utilização de um estilo ofensivo direto, com ataques de pouca longevidade, frequentemente resultados de comportamentos individuais, utilizando de drible e de condução de bola para criar situações propícias ao remate. Enquanto a seleção da Alemanha apresentou maior variabilidade quanto ao método e estilo de jogo ofensivo, através do recurso à alternância de ataques curtos/longos e diretos/indiretos. As ações individuais, especialmente o drible e a condução de bola, revelaram-se indutores de eficácia ofensiva. Os cruzamentos e assistências ocasionaram com alta frequência as situações de finalização. Por fim, assumiram que a eficiência dos ataques observados não parece acontecer em resposta a uma determinada duração das sequências (curta ou longa) nem aos estilos de jogo utilizados (direto ou indireto). Afirmam que a eficácia ofensiva parece decorrer da capacidade das equipes de variação de métodos e estilos de jogo, de forma a ocasionar desequilíbrios defensivos ao adversário ao provocar o elemento surpresa de comportamentos, e impondo assim, sua forma de jogar.

Conclusões que seguem a mesma linha foram observadas em um estudo realizado por Castelão et al. (2015), que avaliou 647 sequências ofensivas de jogo com o objetivo de identificar diferentes padrões de jogo ofensivo por meio de análise sequencial entre seis seleções de futebol das partidas finais da: Eurocopa de 2004 (Grécia 1 x 0 Portugal); Copa do Mundo de 2006 (Itália 2 x 1 França); Eurocopa de 2008 (Espanha 1 x 0 Alemanha), sendo que as seis equipes analisadas apresentaram sequências ofensivas de jogo com distintos padrões. Entre as equipes vitoriosas, a equipe da Grécia apresentou a característica de realizar ataques de curta duração, poucos passes entre seus jogadores e procurar finalizar rapidamente, caracterizado como jogo ofensivo de contra-ataque. Já a equipe da Itália apresentou sequências pouco conclusivas, com grande variação de ações ofensivas, impossibilitou a definição de

padrões de jogo ofensivo. A equipe da Espanha apresentou ações ofensivas mais longas, grande número de passes entre vários jogadores, buscando o momento oportuno para depois avançar e efetuar as finalizações, caracterizando o método de jogo ofensivo ataque posicional, de construção mais demorada. Logo, constataram que as equipes de futebol de alto rendimento podem se prevalecerem de diferentes padrões e métodos de jogo ofensivo e, contudo, saírem vitoriosas, pois não foram identificados padrões que se revelassem mais eficazes do que outros. Sendo assim, se torna mais importante a sua execução tática de acordo com o padrão adotado, bem como as particularidades dos jogadores da equipe, do que propriamente a escolha dentre as opções de padrões.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa observacional, do tipo análise notacional. Análise notacional do Jogo pode ser entendida como o estudo do jogo a partir da observação do comportamento dos jogadores e/ou das equipes em situações de jogo e/ou de treinamento, e tem sido constantemente utilizada na literatura, uma vez que esta engloba a observação dos eventos do jogo, o registro e a interpretação dos dados (COSTA et al., 2010). Zubillaga et al. (2007) afirmam que a investigação das ações competitivas no futebol é uma das principais bases do processo de preparação para o desempenho na modalidade.

3.2. CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

A amostra foi composta por 159 sequências ofensivas que continham finalização das equipes finalistas, sendo 77 da Alemanha e 82 da Argentina. Foram um total de 14 jogos observados (7 de cada seleção), sendo 6 jogos na fase de grupos da competição, com 90 minutos regulamentares de duração, e 8 jogos da fase final, sendo que 5 destes jogos tiveram prorrogação de mais 30 minutos, totalizando 1.410 minutos regulamentares observados.

Incluiu-se sequências com finalizações caracterizadas por: chute ao gol; chute para fora; chute na trave; chute defendido ou desviado pelo goleiro; chute desviado por um defensor para a linha de fundo. Excluiu-se: Chutes bloqueados por defensores de linha; chutes desviados ou interceptados por defensores de linha para as faixas laterais ou defensiva da equipe observada.

3.3. INSTRUMENTOS

Para realização da pesquisa, foi feita uma adaptação (QUADRO 1) do Sistema de Caracterização da Sequência Ofensiva proposto por Almeida (2010). Neste sistema de caracterização foram considerados indicadores/variáveis de performance derivados diretamente de comportamentos observados através do sistema. Para coletar informações de indicadores espaciais, foi necessário utilizar um Campograma das zonas de campo de jogo (APÊNDICE A) adaptado de Garganta (1997); Silva (2004). Foi também produzida uma ficha de observação (APÊNDICE B), para anotação dos indicadores de cada ataque realizado.

Quadro 1: Indicadores do sistema de caracterização da sequência ofensiva.

Indicadores	Categorias	Sub-categorias	Categorias/Sub-categorias
1. Forma de início da fase ofensiva	1.1 Direta	1	1.1: Recuperação da posse de bola sem interrupção do jogo, como: Interceptação; Desarme; Ação do goleiro em fase defensiva; Ação defensiva seguida de passe.
	1.2 Indireta	7	1.2: Recuperação da posse de bola por meio de reinício (ou início) de jogo após interrupção da dinâmica da partida, como: escanteio a favor; tiro livre direto; Penalidade Máxima; arremesso lateral a favor; etc.
2. Zona de início da fase ofensiva		12	Zona em que se deu o início da sequência ofensiva, a partir da posse de bola à equipe. (Ver Apêndice A)
3. Número de jogadores intervenientes		3	Totalidade dos jogadores da equipe observada que intervêm sobre a bola na sequência ofensiva. i) 0 a 2; ii) 3 a 5; iii) 6 ou mais
4. Número de passes		3	Totalidade de passes bem sucedidos recebidos por um parceiro de equipe na sequência ofensiva. i) 0 a 2; ii) 3 a 5; iii) 6 ou mais.
5. Assistência para finalização		2	(NÃO) A finalização ocorreu sem que houvesse um passe ao finalizador que o colocasse em condições de realizar o remate. (SIM) O finalizador recebeu o passe de um companheiro que o colocou em condições favoráveis para realizar o remate, sem que fosse necessário percorrer longas distâncias ou transpor oponentes.
6. Zona da assistência		12	Zona em que aconteceu a ação da assistência para a finalização. (Ver Apêndice A)
7. Zona da finalização		12	Zona em que aconteceu a finalização. Observar Anexo 1.
8. Tipo de finalização	8.1 Bola parada	1	8.1 Bola parada: Toda finalização que for realizada diretamente para a baliza por meio de uma cobrança direta de reinício de jogo. Ex: Penalidade máxima, tiro livre direto.
	8.2 Bola rolando	1	8.2 Bola rolando: Qualquer finalização em que a bola já esteja em jogo antes da finalização
9. Característica da finalização		3	Número de contatos do finalizador com a bola. (1T) Somente 1 toque, a finalização foi de primeira; (2T) Dois toques, o finalizador fez um contato com a bola antes de fazer o remate; Ex.: Dominou e chutou. (3T) Três toques ou mais.
10. Resultado da sequência ofensiva	10.1 Sucesso parcial	1	10.1 Sucesso parcial: O ataque aconteceu e foi realizado um remate, sem a obtenção do gol. Ex. Finalização na trave; finalização defendida pelo goleiro adversário; finalização para fora.
	10.2 Sucesso total	1	10.2 Sucesso total: O ataque resultou em gol a favor.

Fonte: Adaptado de Almeida (2010)

3.4. PROCEDIMENTOS DE COLETA

Antes da realização das coletas, o avaliador foi submetido a uma análise intra-avaliador, observando o mesmo vídeo por duas vezes num intervalo de 15 dias para confirmar o nível de concordância das observações. Foi confirmada uma porcentagem acima de 98% de concordância entre as duas análises. Assim, dada a confirmação de fidelidade de observação, se procedeu a etapa de acompanhamento de vídeos.

A coleta deu-se por meio de uma observação sistemática sob análise notacional de vídeos a partir de um arquivo de jogos disponibilizados pelo site *footballia.net*. A reprodução do vídeo do jogo completo iniciava-se e o mesmo era pausado assim que acontecia uma finalização executada pela equipe observada, retornando-se a imagem até o momento da última recuperação da posse de bola que antecedeu a finalização. Desta maneira, a partir da imagem do primeiro contato na bola da recuperação de posse de bola que antecedeu a finalização, cada variável foi analisada de maneira específica, sendo necessária pelo menos uma repetição do lance para cada item ser coletado de modo individual. Ao ser identificada a classe de cada indicador, se procedia a anotação dos dados na respectiva ficha de observação (APÊNDICE B), para posteriormente ser realizada a tabulação.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

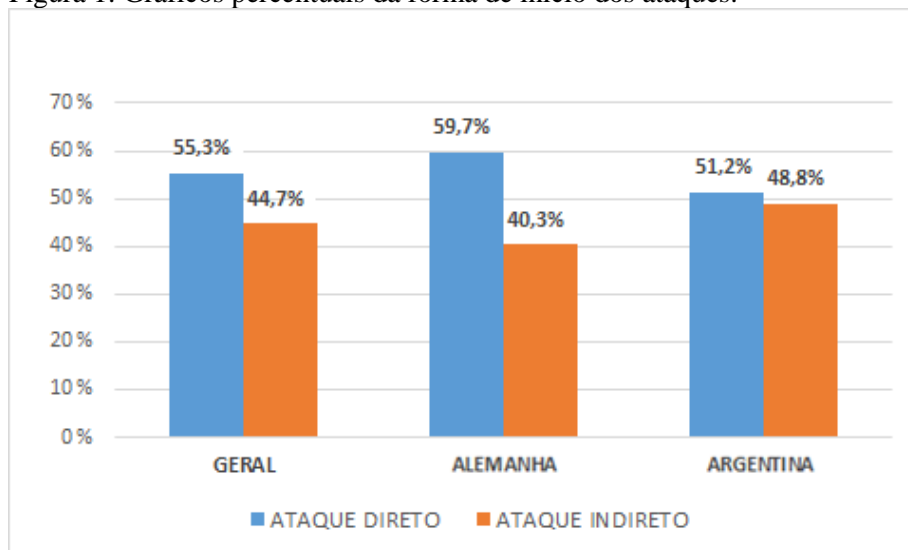
Os dados obtidos foram organizados e tabulados no programa Microsoft Excel for Windows (versão 2013), em seguida, inseridos no programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 21), na qual utilizou-se a análise descritiva dos dados por meio de valores absolutos e relativos (%).

4. RESULTADOS

Os resultados encontram-se de maneira descritiva e organizados de acordo com os indicadores citados na Tabela 1. Foram utilizados gráficos percentuais para ilustrar os resultados de modo quantitativo em percentual. Estes gráficos foram estabelecidos em três categorias: i) Geral – Análise integral da coleta; ii) Alemanha – Análise dos dados coletados a partir dos ataques da Alemanha; iii) Argentina – Análise dos dados coletados a partir dos ataques da Argentina.

Ao observar a FIGURA 1 é possível perceber uma ligeira superioridade na frequência de ataques com finalização iniciados de forma direta do ponto de vista geral. Esta afirmativa se revela numa frequência ainda maior quando analisada sobre a seleção da Alemanha, que demonstra uma maior prevalência de ataques iniciados de forma direta, enquanto a seleção Argentina revela um equilíbrio quase absoluto entre direto e indireto, indicando a eficácia também de jogadas iniciadas em bolas paradas (indireto).

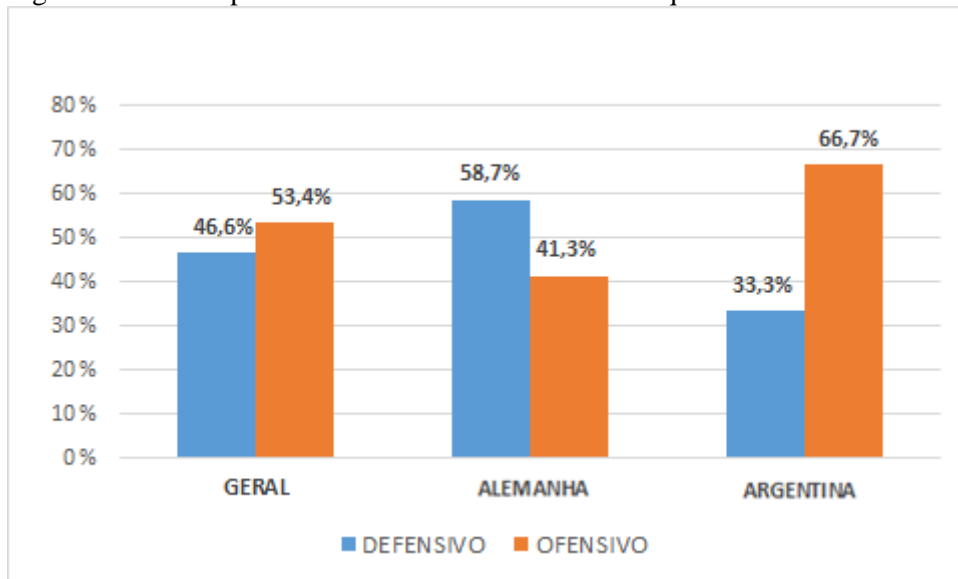
Figura 1: Gráficos percentuais da forma de início dos ataques.



Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

Para analisar a Zona de Início, foi feito o controle dos dados divididos em duas subcategorias: i) Setor defensivo - SD e SMD - Zonas 1,2,3,4,5 e 6; ii) Setor ofensivo - SMO e SO - Zonas 7,8,9,10,11 e 12. (ver APÊNDICE A) Os resultados mostram uma ligeira prevalência de ataques que se iniciam no setor ofensivo (FIGURA 2), porém, ao observar a equipe Alemã, nota-se que a equipe prevalece de ataques que resultam em finalização iniciados pelo setor defensivo com maior frequência. Em contrapartida, percebe-se que a equipe da Argentina inicia predominantemente seus ataques que resultam em finalizações pelo setor ofensivo.

Figura 2: Gráficos percentuais de setor de início dos ataques.



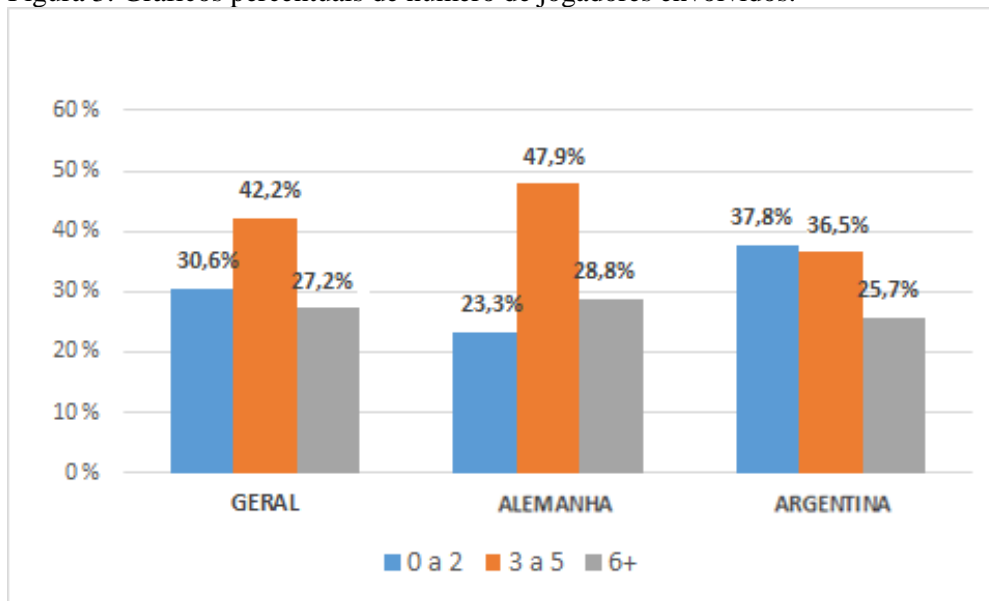
Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

Os resultados quanto ao número de jogadores que intervieram sobre a bola durante a sequência ofensiva a categoria que mostrou a maior frequência de ataques bem sucedidos foi a que envolviam de 3 a 5 jogadores. Seguindo em ordem decrescente de frequência, se coloca a categoria que envolvia no máximo dois jogadores, logo em seguida os ataques que envolviam um maior número de jogadores, acima de 6.

Quando observadas separadamente, as equipes trouxeram resultados divergentes. Nos resultados referentes a seleção da Alemanha, foi possível notar a maior prevalência em ataques com a participação de 3 a 5 jogadores, seguido por ataques que envolviam de 6 a mais jogadores e, por último, ataques que envolviam no máximo 2 jogadores.

Os resultados da seleção Argentina nos mostra a prevalência de ataques construídos por no máximo 2 jogadores, em seguida os que envolvem 3 a 5 jogadores e por último os que envolvem a partir de 6 jogadores da equipe na mesma sequência ofensiva. Tais resultados nos dão a sugestão de que os ataques que proporcionam finalização por parte da equipe Argentina são menos complexos, por envolver um número menor de jogadores intervenientes quando comparados aos da seleção da Alemanha.

Figura 3: Gráficos percentuais de número de jogadores envolvidos.



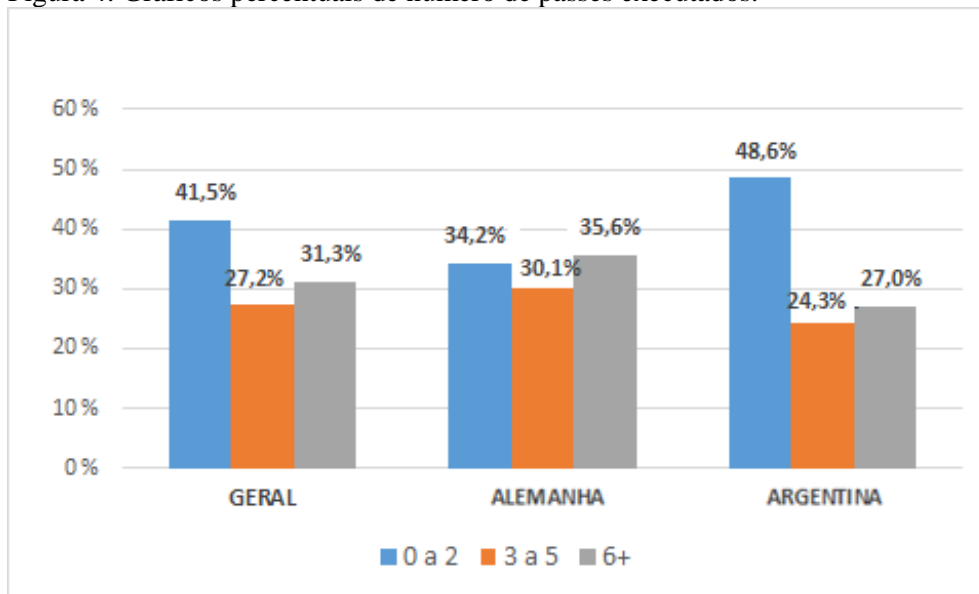
Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

Os resultados referentes ao número de passes trocados pela equipe durante o ataque até chegar a finalização mostraram uma maior prevalência em ataques que envolveram de 0 a 2 passes trocados, seguido por ataques que envolviam a partir de 6 passes, e por fim, ataques que envolviam de 3 a 5 passes para chegar até a finalização (FIGURA 4).

Os resultados deste indicador tornam-se mais coerentes quando observados separadamente entre as seleções. A seleção da Alemanha demonstrou uma ligeira superioridade na porcentagem de ataques construídos com pelo menos 6 passes trocados, à frente, respectivamente, das com as categorias de 0 a 2 e da categoria 3 a 5 passes.

Quanto a seleção da Argentina, os ataques com o menor número de passes trocados, ou seja, de 0 a 2, foi a maneira mais eficiente de chegar até a finalização dos ataques construídos (48,6%), cerca de metade das sequências ofensivas da equipe. Já os ataques que envolveram de 3 a 5 passes e a partir de 6 passes, dividiram a outra metade da porcentagem de forma equilibrada.

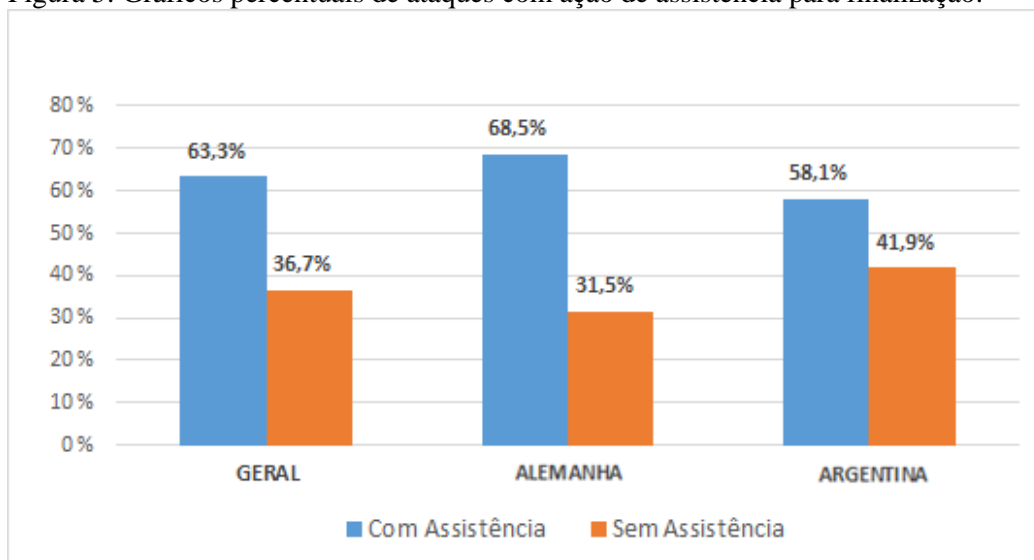
Figura 4: Gráficos percentuais de número de passes executados.



Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

O indicador referente a existência ou não de uma assistência para a finalização demonstrou que a maior prevalência é de que os ataques bem sucedidos incluem uma assistência para a finalização (FIGURA 5). Comparando as duas seleções, apesar de ambas apontarem para o mesmo resultado, a Alemanha demonstra uma frequência superior comparada a equipe da Argentina.

Figura 5: Gráficos percentuais de ataques com ação de assistência para finalização.



Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

Considerando a alta frequência de ataques que incluíam uma assistência para finalização, foi-se analisada em que zona aconteceu a ação da assistência. De acordo com as zonas do Campograma (ver APÊNDICE A), notou-se que as ações de assistência aconteceram em maior prevalência nas zonas 10, 11 e 12 (FIGURA 6), que fazem parte do setor ofensivo. As zonas 10 e 12, situadas nos corredores laterais, mostraram uma superioridade quanto a zona 11 (corredor central). A zona 8, situada no corredor central no setor médio ofensivo, demonstrou uma prevalência próxima ao apresentado pela zona 11.

Os resultados referentes a seleção da Alemanha (FIGURA 7) mostram uma predominância por assistências com origem das zonas do setor ofensivo (Zonas 10, 11 e 12), mas com uma prevalência superior pelo corredor direito, onde se encontram as zonas 12 e 9. A diferença entre os corredores direito e esquerdo é notada também ao verificar que o corredor central (Zonas 8 e 11) é mais utilizado que o esquerdo, colocando este último como o corredor de menos prevalência. Quando realizada a análise excluindo os ataques que iniciam com cobrança de escanteio, mostra-se a mesma relação anterior de prevalência entre as zonas de assistências.

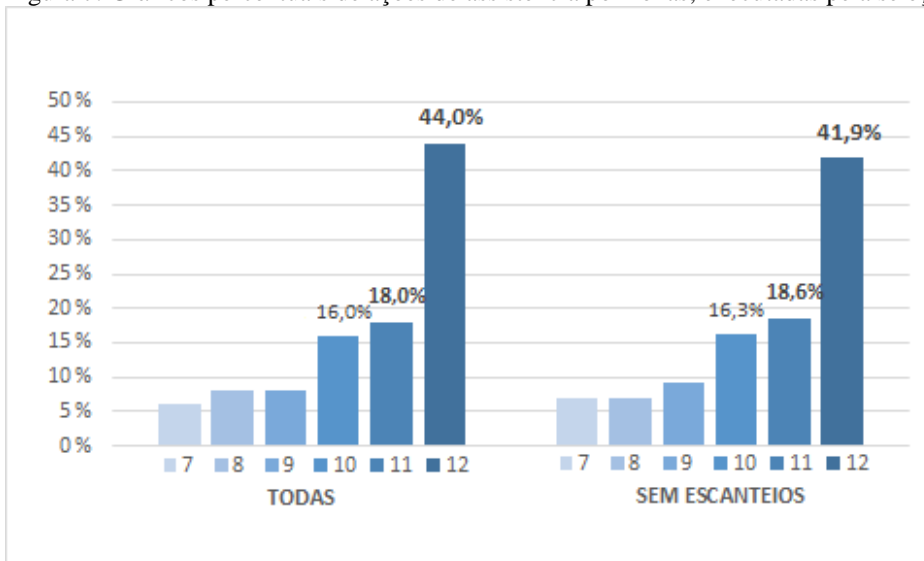
A Seleção Argentina (FIGURA 8), por sua vez, demonstrou predominância em ações pelo corredor lateral esquerdo (Zonas 7 e 10), seguido também pelo corredor central (Zonas 8 e 11), com destaque para a prevalência de ações de assistência da zona 8, enquanto o corredor direito foi o menos utilizado. Quando realizada a análise excluindo os ataques que iniciam com cobrança de escanteio, mostra-se a prevalência de assistências oriundas da zona 8, caracterizando um ataque mais vertical ao utilizar o corredor central.

Figura 6: Campograma com percentual de ação de assistência por zonas.



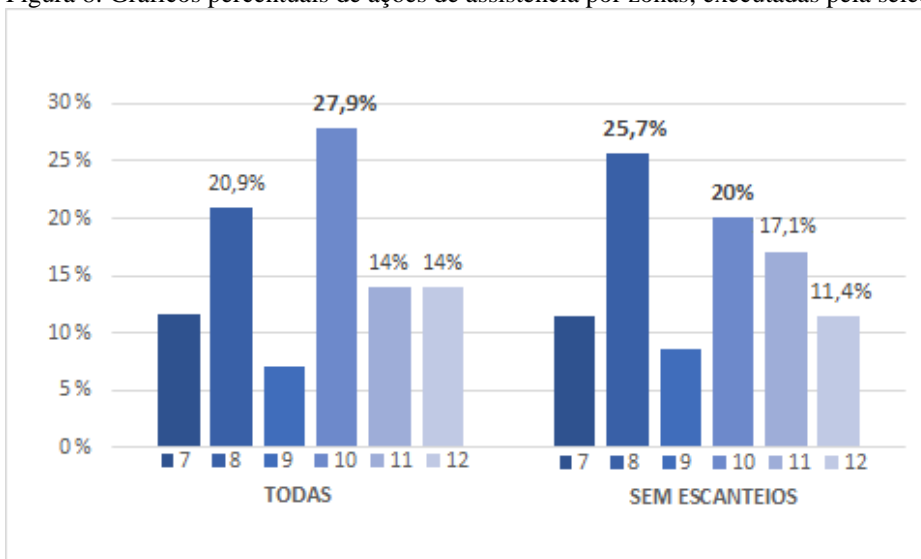
Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017)

Figura 7: Gráficos percentuais de ações de assistência por zonas, executadas pela seleção da Alemanha.



Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

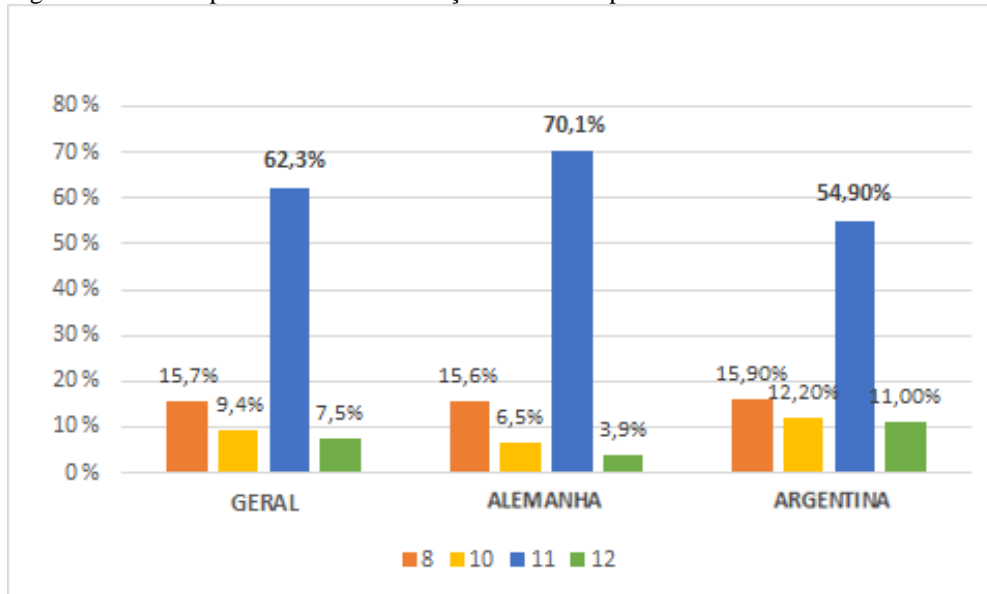
Figura 8: Gráficos percentuais de ações de assistência por zonas, executadas pela seleção da Argentina.



Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

Quanto à zona de finalização (FIGURA 9), os números mostraram que o corredor central (CC) e principalmente a zona 11, que se encontra de frente para o alvo, foi a mais utilizada para a tentativa do gol. Tanto a seleção da Alemanha (70,1%) quanto a seleção da Argentina (54,9%), priorizaram mais os remates frontais pelo CC e o mais próximo possível da meta (ver APÊNDICE A).

Figura 9: Gráficos percentuais de finalizações divididos por zonas.

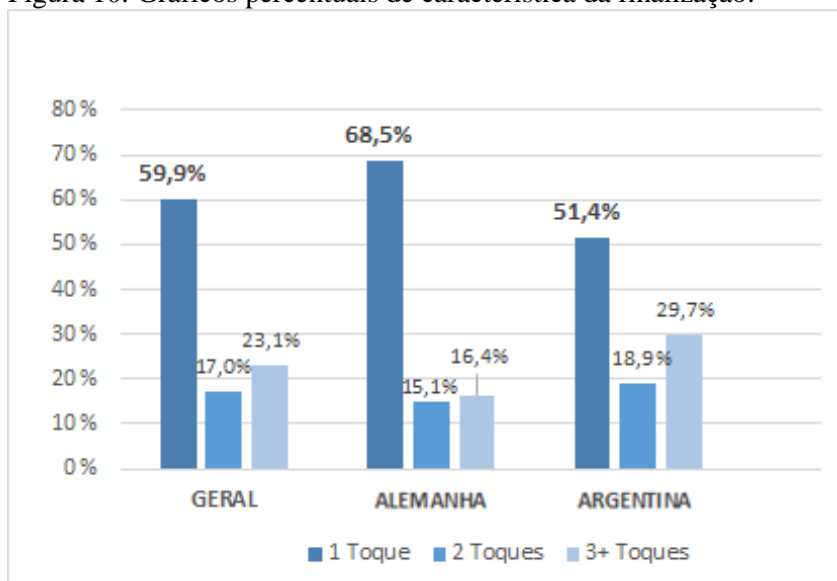


Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

Em relação à característica de finalização quanto a ação do jogador que executou o remate, três categorias foram estabelecidas. Conforme a FIGURA 10, podemos observar a predominância em finalizações executadas com somente 1 contato com a bola. Jogadas em que o finalizador utilizou pelo menos 3 toques na bola foi a segunda mais observada e lances em que o jogador precisou de 2 toques para finalizar foi a de menor prevalência.

Neste indicador foi preferido excluir lances em que a finalização foi executada a partir de penalidades máximas e de tiro livres diretos executados diretamente à baliza, de modo a filtrar as finalizações de ataques com bola rolando.

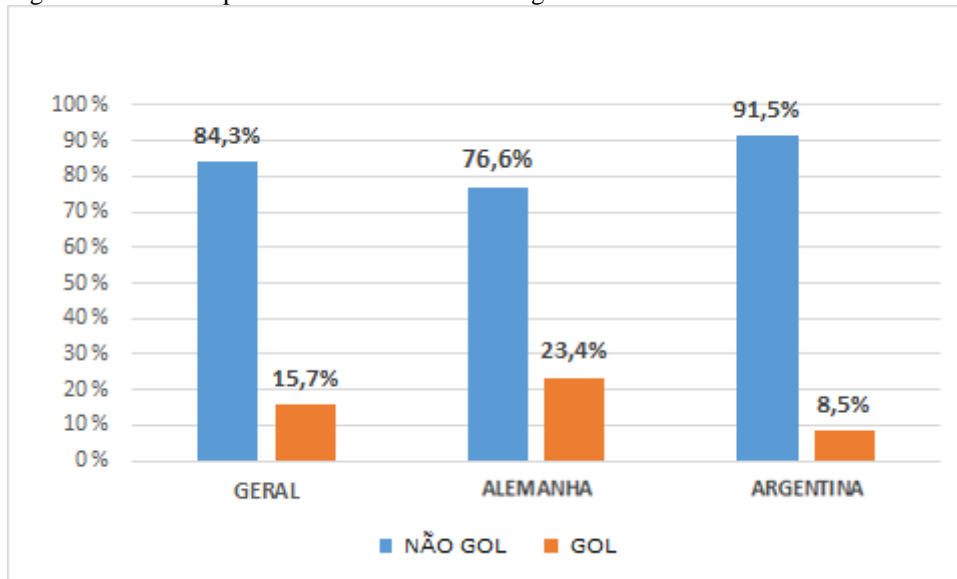
Figura 10: Gráficos percentuais de característica da finalização.



Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

Foi analisada também a incidência de gols em relação as 159 jogadas ofensivas bem sucedidas (FIGURA 11). Foi possível constatar a porcentagem de ataques que alcançaram o êxito total = GOL (15,7%), perante aos ataques que obtiveram êxito parcial (84,3%). A seleção da Alemanha obteve uma relação de ataques com gol de 23,4% e não gol 76,6%. Enquanto a seleção Argentina teve uma incidência de 8,5% de gol, contra 91,5% de não gol.

Figura 11: Gráficos percentuais da incidência de gols marcados.



Fonte: Banco de dados coletados no estudo (2017).

5. DISCUSSÃO

Foi possível observar que a maior frequência de ataques com finalização iniciaram de forma direta, mostrando que a maioria dos ataques que resultam em finalização advém de recuperação de posse de bola sem interrupção da dinâmica do jogo. Tais dados se assemelham com resultados encontrados anteriormente, confirmando que a recuperação direta é a forma de início mais promissora pro desfecho do ataque em equipes profissionais de alto rendimento (LEITÃO, 2004; BARREIRA, GARGANTA 2007), enquanto Silva et al. (2005) apontam a interceptação como o meio mais utilizado pelas seleções em ataques que resultaram em gol durante a Copa do Mundo de Futebol de 2006, ambas as formas caracterizadas como início direto.

Quanto ao setor de início, as duas seleções analisadas apontaram divergência em qual setor de início se mostrou mais promissor. A seleção da Alemanha utilizou o setor defensivo com maior eficiência para iniciar seus ataques, concordando com Saes, Jesus, Souza (2007) que encontraram a maior frequência de ataques de sucesso iniciados pelo setor defensivo por parte da seleção do Brasil durante a Copa do Mundo de Futebol de 2002. Da mesma forma, Barreira, Garganta, Guimaraes et al. (2014), acerca das equipes semifinalistas do Copa do Mundo de Futebol de 2010, indicam que a recuperação da posse de bola no setor defensivo indicia maior eficácia nos ataques subsequentes. Em contrapartida, a seleção da Argentina se fez mais eficiente recuperando a posse de bola no setor ofensivo, assim como Leitão (2004) observou que o setor ofensivo foi a região do campo mais vantajosa para a recuperação da posse de bola se transformar em finalização à meta adversária, sinalizando o fato de que quanto mais perto do gol se recupera a bola, maiores são as chances de criar situações de gol (ANDRADE, 2011). Tais resultados sugerem que a eficácia do resultado em dependência da zona de início deve estar relacionada também com o desenvolvimento da sequência ofensiva por parte de cada equipe, e não somente à zona em que se iniciou o ataque.

Observamos que a seleção da Alemanha iniciou a maioria dos seus ataques eficientes pelo setor defensivo e, desta forma, em maior frequência, utilizou de ataques posicionais, optando pela valorização da posse de bola, buscando o desequilíbrio da defesa adversária para encontrar espaços. Com isso, envolveu um maior número de jogadores na construção do ataque e realizou um número mais elevado de passes até concluir o ataque. Características como as citadas também foram encontradas em equipes de sucesso por Castelão et al. (2015), verificando que a Espanha apresentou ações ofensivas mais longas e complexas quanto a número de passes e jogadores envolvidos ao vencer o título da Eurocopa 2008. Equipes de

sucesso como: Seleção Brasileira campeã do mundo em 1994 (LUHTANEN et al., 1997); Seleção Brasileira campeã do mundo em 2002 (SAES et al., 2007); Espanha, Holanda e Alemanha – semifinalistas da Copa do Mundo 2010 (MACHADO, BARREIRA, GARGANTA, 2013), também revelaram um elevado número de passes e jogadores envolvidos até encontrar condições ideais para finalizar o ataque, conseguindo assim maior probabilidade de sucesso. A seleção da Argentina, por sua vez, apresentou características de uso de ataques rápidos ou contra-ataques, pelo fato de frequentemente utilizar no máximo 2 jogadores e 2 passes para a realização do ataque, utilizando também de jogadas individuais. O fato de o início pelo setor ofensivo demonstrar a maior eficácia, sugere que ao obter a posse de bola, a seleção Argentina procurou a definição do lance rapidamente, por muitas das vezes já se encontrar mais próximo à meta adversária. Características semelhantes foram observadas na seleção da Grécia ao vencer o título da Eurocopa de 2004, revelando maior frequência em realizar ataques de curta duração, poucos passes entre seus jogadores, buscando finalizar rapidamente (CASTELÃO et al. 2015). Hughes e Franks (2005) encontraram essas características em equipes menos bem-sucedidas dentro das competições analisadas, e Lago & Martin (2007); O'Donoghue (2009) classificaram as equipes de menos qualidade com as mesmas características. Já Tenga *et al.* (2010), mostraram que ataques diretos e contra-ataques, envolvendo poucos jogadores e poucos passes, podem ser mais bem-sucedidos que ataques elaborados. Deste modo, Machado, Barreira, Garganta (2013) observaram também padrões ofensivos eficazes com a utilização de ações individuais na seleção do Uruguai – semifinalista da Copa do Mundo de 2010 – através de drible e de condução de bola para criar situações propícias ao remate, também observado por Skirka (2010) quando afirma que os jogadores de seleções sul-americanas utilizam frequentemente ações menos coletivas para avançar até a meta adversária e concluir o ataque, diminuindo a frequência de finalizações com assistência.

A frequência de finalizações com assistência nos ataques observados nas duas equipes demonstrou a importância de uma conclusão bem executada, onde a finalização ocorre somente quando se é oportuna, de preferência ao ser assistido por um companheiro que possibilita a finalização do ataque. O passe curto é muito utilizado para assistir a finalização, sendo entendido como *cruzamento* quando em zona lateral e *assistência* quando em zona central. (BARREIRA & GARGANTA, 2007). A seleção da Alemanha, por suas características de desenvolvimento do ataque, teve uma frequência ainda maior, realizando mais de 68% das finalizações com a ação de assistência, e obtendo o sucesso total (Gol) em 15 dos 18 que marcaram durante a competição, revelando o alto índice de ações coletivas nos gols marcados.

Argentina também demonstrou maior frequência em ataques com assistência para finalização, porém alcançou o sucesso total em apenas 1 dos 7 gols marcados durante a competição, acusando a maior probabilidade de eficácia máxima em jogadas mais individuais.

As zonas de assistência preferidas pelas equipes revelam características de certos padrões, como podemos observar na seleção da Alemanha, a predominância de assistências pelo corredor lateral direito (Zona 12), sugerindo a utilização de cruzamentos ou passes de uma zona lateral ofensiva para penetrar na zona 11, assim como caracterizado os ataques da seleção da Espanha – campeã da Eurocopa 2008 (BARREIRA et al., 2011), Espanha – campeã do Mundo 2010 – e a própria Alemanha – semifinalista da Copa de 2010 (MACHADO, BARREIRA, GARGANTA, 2013). Características divergentes foram apresentadas pela seleção da Argentina, que realizou com mais frequência a utilização de assistências pelo corredor central (zona 8), caracterizando um ataque com passes verticais, da mesma maneira encontrado por Machado et al. (2013) observando a seleção da Holanda – vice campeã do Mundo 2010 – que também realizava a assistência preferencialmente pelo corredor central para realizar da finalização.

É na finalização que se concentra a resposta do sucesso total ou não de uma sequência ofensiva (LEITÃO 2004). Dentro deste aspecto, foi-se observado que as seleções buscaram preferencialmente os corredores centrais para a finalização, especialmente a zona 11, que fica na grande área adversária. Estudos anteriores corroboram esses achados, uma vez que consideram maiores as possibilidades de finalizar com sucesso quando o portador da bola se encontra mais próximo da meta, principalmente no corredor central (CASTELO, 1996; LEITÃO, 2004; BARREIRA & GARGANTA 2007; SAES et al., 2007). Outra característica bastante evidenciada na finalização foi a do número de contatos na bola que o finalizador executou, sendo que a predominância foi de apenas 1 contato foi realizado, justamente a ação de finalizar. Estes resultados confirmam os de Barreira et al. (2011), para a Eurocopa de 2008, e de Grant et al. (1999) para o Mundial França 1998 quando verificaram que em 54% dos gols marcados o executante recorreu de apenas um contato com a bola, revelando a necessidade de uma ação de finalização rápida, com somente um contato na bola, devido ao reduzido espaço que um jogo de equipes de elite no futebol disponibiliza ao atacante. Dada as características de conclusão dos ataques das seleções Alemanha e Argentina, foi possível observar que 15,7% das finalizações realizadas durante a Copa do Mundo 2014 resultaram em gol, frequência maior que as encontradas por Barreira & Garganta (2007). A equipe responsável por aumentar o percentual de êxito total foi a Alemanha, que obteve 23,4% de ataques com finalização resultada

em gol, enquanto a seleção Argentina teve uma frequência de 8,5% de finalizações resultadas em gols.

5. CONCLUSÃO

Através dos resultados obtidos e da discussão realizada, podemos concluir que as variáveis que definem um ataque bem-sucedido são complexas e instáveis. As equipes de futebol de alto rendimento podem se prevalecer de diferentes padrões e métodos de jogo ofensivo e, contudo, saírem vitoriosas, tornando difícil a padronização do que proporcionaria uma maior eminência de sucesso às equipes. Certo é, que é possível observar padrões mais eficientes para determinadas equipes diferentemente de outras, como podemos constatar que:

A Alemanha mostrou-se mais bem sucedida ofensivamente ao utilizar a forma de ataque posicional, iniciado pelo setor defensivo de forma direta, usando um ataque mais elaborado para chegar à meta, envolvendo um número elevado de jogadores participantes e de passes trocados, até encontrar a oportunidade de realizar uma assistência, frequentemente realizada do corredor lateral direito, encontrando o finalizador na zona 11, que realizava o remate com apenas 1 contato com a bola. Os ataques realizados pela seleção da Alemanha tiveram uma incidência de gols muito alta para os padrões da competição, dando a entender que a proposta de jogo estabelecida pela equipe foi muito bem acionada pelos jogadores, que por sua vez demonstraram alto nível técnico de execução das tarefas coletivas, comum as seleções Europeias, levando a equipe aos resultados esperados.

A seleção Argentina mostrou mais eficiência em ataques realizados de forma ofensiva direta ou rápida, e utilizando contra-ataques. As sequências ofensivas da equipe foram mais eficientes quando iniciadas de forma direta pelo setor ofensivo, com a característica de buscar a definição rápida do lance, envolvendo poucos jogadores e poucos passes trocados, frequentemente utilizando de uma assistência pelo corredor central, buscando o finalizador que concluía o ataque pela zona 11 com apenas 1 contato na bola. As características mais individualistas dos ataques da equipe sugerem duas possibilidades: os jogadores mais recuados não desfrutavam de qualidade técnica suficiente para participar e dar continuidade aos ataques e/ou os jogadores de frente da equipe gozavam de talento e qualidades individuais para decidir diretamente as jogadas, características comuns de equipes sul-americanas.

Finalmente, consideramos que as equipes de elite bem sucedidas não utilizam o mesmo modelo de jogo ofensivo nem possuem as mesmas características, deixando uma análise a cerca de indicadores de desempenho propensa ao erro, pois as características de cada equipe dependem do objetivo de jogo proposto, e principalmente a sua execução tática de acordo com o modelo adotado e particularidades dos jogadores da equipe.

A ciência de informações como as apresentadas podem se tornar um aporte fundamental para decisões táticas de uma equipe, fases de preparação e treinamento, bem como fonte de dados para estudos, condições determinantes para a evolução das equipes e atletas de futebol.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carlos Humberto Gervásio Correia de. **Caracterização das sequências ofensivas no futebol juvenil: efeitos da experiência e de variantes reduzidas do jogo**. 2010. Tese de Doutorado.
- ANDRADE, César Augusto de. **Análise do processo defensivo no futebol: acções e comportamentos defensivos associados à recuperação da posse de bola em diferentes contextos do jogo**. 2011. Tese de Doutorado.
- BARREIRA, Daniel et al. Effects of ball recovery on top-level soccer attacking patterns of play. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 16, n. 1, p. 36-46, 2014.
- BARREIRA, Daniel; GARGANTA, Júlio. **Padrão sequencial da transição defesa-ataque em jogos de futebol do Campeonato Português 2004/2005**. 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos: Olhares e Contextos da Performance da iniciação ao rendimento; 2007; Porto, Portugal. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Faculdade de Desporto/Universidade do Porto; 2007.
- BARREIRA, D.; GARGANTA, J.; ANGUERA, M. T. In search of nexus between attacking game-patterns, match status and type of ball recovery in European Soccer Championship 2008. **Research methods and performance analysis**, v. 226, p. 226-237, 2011.
- BAYER, Claudete. O ensino dos desportos colectivos. Lisboa: **Dinalivro**. 1994.
- CASTELÃO, Daniel Pimenta et al. Análise sequencial de comportamentos ofensivos desempenhados por seleções nacionais de futebol de alto rendimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 3, p. 230-236, 2015.
- CASTELO, Jorge Fernando Ferreira. **Futebol: modelo técnico-táctico do jogo. Identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior**. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, 1994.
- CASTELO, J. Futebol a organização do jogo: Como entender a organização dinâmica de uma equipa de futebol e a partir desta compreensão como melhorar o rendimento e a direcção dos jogadores e da equipa. **Lisboa: Edição do autor**, 1996.
- CASTELO, Jorge FF. **Fútbol: estructura y dinámica del juego**. Inde, 1999.
- COSTA, João C. et al. Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 2, n. 4, p. 7-20, 2002.
- COSTA, Israel Teoldo da et al. Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. **Motriz. Revista de Educação Física**. Rio Claro, v.15, n.3, p.657-668, jul./set. 2009.
- COSTA, Israel Teoldo et al. Análise e avaliação do comportamento tático no futebol-doi: 10.4025/reveducfis.v21i3.8515. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 3, p. 443-455, 2010.

DUPRAT, Éric. **Enseigner le football en milieu scolaire, collèges, lycées, et au club: compétences, contenus d'enseignement, évaluation.** Éd. Actio, 2007.

GARGANTA, Júlio. Modelação táctica do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. **Tese de doutorado não publicada.** Universidade de Porto. Porto, 1997.

GARGANTA, Júlio. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v.1, n. 1, p. 57-64, jan./abr. 2001.

GARGANTA, Júlio; GRÉHAIGNE, Jean Francis. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade?. **Movimento**, v. 5, n. 10, p. 40, 1999.

GARGANTA, Júlio; CUNHA E SILVA, P. O jogo de futebol: entre o caos e a regra. **Revista Horizonte**, v. 16, n. 91, p. 5-8, 2000.

GARGANTA, Júlio; PINTO, Jorge. O ensino do futebol. **O ensino dos jogos desportivos**, v. 3, 1994.

GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino dos desportos colectivos. 95-135. **Centro de**, 1998.

GARGANTA, J. Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter) acção, para um futebol com pés... e cabeça. **O contexto da decisão—A acção táctica no desporto**, p. 179-190, 2005.

GRANT, A. G. et al. Analysis of the goals scored in the 1998 World Cup. **Journal of Sports Sciences**, v. 17, n. 10, p. 826-827, 1999.

GRÉHAIGNE, Jean Francis. **Football de mouvement. Vers une approche systémique du jeu** - Tese de Doutorado. Paris, 1989.

GRÉHAIGNE, J. F.; GUILLON, R. L Utilisation des Jeux D Opposition à l école. **Revue de l'Education Physique**, v. 32, n. 2, p. 51-67, 1992.

HUGHES, Mike; FRANKS, Ian. Analysis of passing sequences, shots and goals in soccer. **Journal of sports sciences**, v. 23, n. 5, p. 509-514, 2005.

KUHN, T. Changes in professional soccer: a qualitative and quantitative study. **Science and football V**, p. 184-195, 2005.

LA PEÑAS, Carlos; ANGUERA ARGILAGA, María Teresa. Utilización del análisis secuencial en el estudio de las interacciones entre jugadores en el fútbol de rendimiento. **Revista de psicología del deporte**, v. 12, n. 1, p. 0027-37, 2003.

LAGO, Carlos; MARTÍN, Rafael. Determinants of possession of the ball in soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 25, n. 9, p. 969-974, 2007.

LE MOIGNE, J.L. la modélisation des systemes complexes. Bordas, Paris, 1990.

LEITÃO, Rodrigo Aparecido Azevedo. Futebol: análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulações de padrões e sistemas complexos de jogo. 2004. 90 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LUHTANEN, P.; KORHONEN, V.; ILKKA, A. A new notational analysis system with special reference to the comparison of Brazil and its opponents in the World Cup 1994. **Science and Football III**, p. 229-232, 1997.

MACHADO, João Cláudio; BARREIRA, Daniel; GARGANTA, Júlio. Eficácia ofensiva e variabilidade de padrões de jogo em futebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, p. 667-677, 2013.

MESQUITA, Isabel et al. A intervenção pedagógica sobre o conteúdo do treinador de futebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 1, p. 25-38, 2009.

MOMBAERTS, Erick. **Fútbol: del análisis del juego a la formación del jugador**. Inde, 2000.

O'DONOGHUE, Peter. Interacting performances theory. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 9, n. 1, p. 26-46, 2009.

SAES, Luis Rodolfo; JESUS, EC de; SOUZA, F. B. Análise quantitativa e qualitativa dos gols da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 2002. **XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**, p. 1288-1290, 2007.

SILVA, A.; RIAS, C. 5º Fascículo-Inglaterra e Holanda. Extremos tocam-se. **R. Santos**, 1998.

SILVA, António et al. Patrones de juego en el fútbol de alto rendimiento. Análisis secuencial del proceso ofensivo en el campeonato del mundo Corea-Japón 2002. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 1, n. 2, 2005.

SKIRKA, N. Finding meaning in the World Cup's Results. **Soccer J**, v. 55, p. 63-64, 2010.

TAVARES, Fernando; GRECO, P.; GARGANTA, Júlio. Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos. **Pedagogia do desporto**, p. 284-298, 2006.

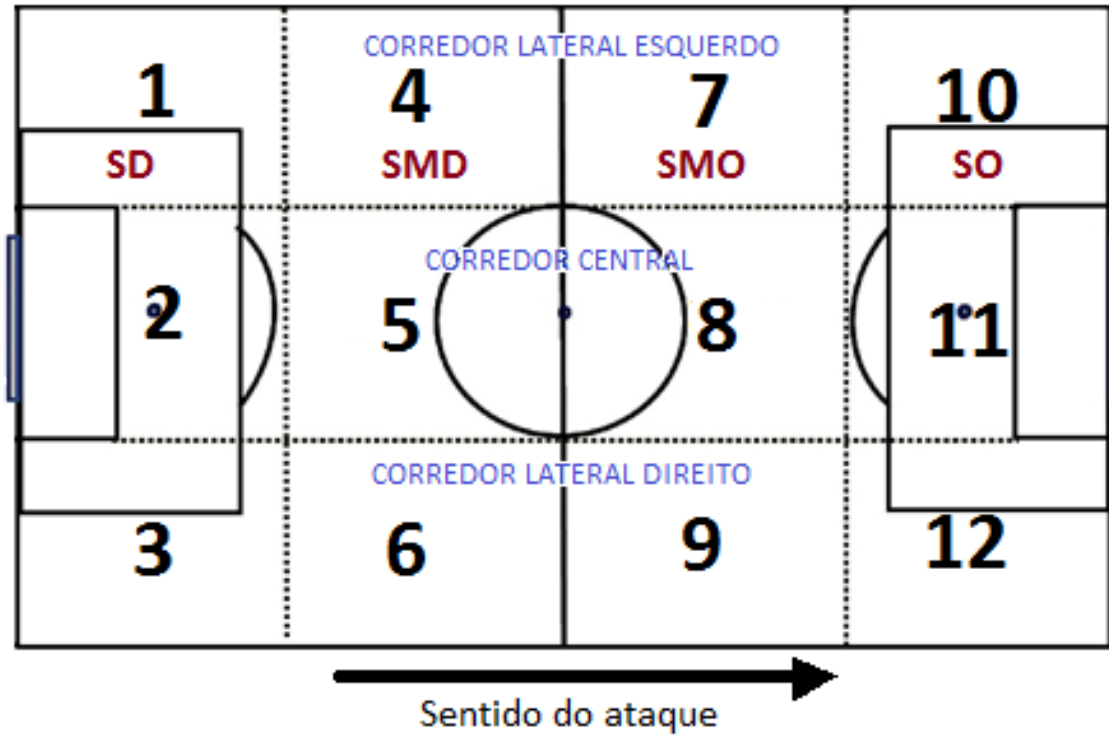
TENGA, Albin et al. Effect of playing tactics on achieving score-box possessions in a random series of team possessions from Norwegian professional soccer matches. **Journal of sports sciences**, v. 28, n. 3, p. 245-255, 2010.

TEODORESCU, Leon. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**—Livros Horizonte. 1984.

VALLÉE, Robert. Sur la complexité d'un système relativement à un observateur'. **Revue Internationale de Systémique**, v. 4, n. 2, p. 239-43, 1990.

ZUBILLAGA, A. et al. Match analysis of 2005-06 Champions League Final with Amisco system. **Journal of Sports Science and Medicine**, Bursa, v. 10, p. 20, 2007.

APÊNDICE A - Campograma das zonas do campo de jogo (Adaptado de: Garganta, 1997; Silva, 2004)



SD = Setor Defensivo
SMD = Setor Médio Defensivo
SMO = Setor Médio Ofensivo
SO = Setor Ofensivo

